

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

TRIGO.....	2
MILHO.....	2
TANGERINA.....	3
BOVINOS.....	4
PERUS.....	4
AVICULTURA DE CORTE.....	5

O 19º Boletim Conjuntural de 2026 tem início com o monitoramento do trigo e do milho, que revelam a resiliência do campo frente aos desafios climáticos e econômicos. No caso do trigo, o cenário é de cautela: o desânimo dos produtores com os preços — ainda 18% inferiores ao mesmo período de 2025 — levou a uma revisão severa na área de plantio, com recuo agora estimado em 10%. Em contrapartida, a segunda safra de milho 2025/26 apresenta sinais de recuperação; as chuvas generalizadas no final de abril estabilizaram as lavouras, mantendo 84% da produção em boas condições.

A análise expande-se para a fruticultura com o cultivo da tangerina, cultura em que o Paraná consolida sua relevância nacional como o quarto maior produtor. O setor demonstra um forte potencial de crescimento, registrando um incremento de 22,1% no volume colhido em

2024, impulsionado pelo desempenho de municípios como Cerro Azul e Doutor Ulisses, que mantêm o estado em destaque no cenário brasileiro, atrás apenas de polos como Minas Gerais e São Paulo.

O boletim explora também os contrastes entre a bovinocultura, a avicultura de corte e o mercado de perus. A pecuária de corte enfrenta um momento de ajuste, com a arroba bovina recuando para o patamar de R\$ 353,80 devido à maior oferta e escalas de abate confortáveis.

Já a avicultura de corte paranaense vive um cenário de vigilância; embora o preço do frango vivo tenha esboçado uma leve reação mensal de 0,7%, o setor lida com a elevação dos custos de produção e a instabilidade logística gerada por tensões geopolíticas no Oriente Médio.

Por outro lado, o segmento de perus celebra resultados expressivos: o Paraná registrou um crescimento de 34,1% no volume exportado no primeiro trimestre, contribuindo para uma receita cambial nacional que saltou significativos 124,6%.

Boa leitura!

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Os produtores receberam pela saca de trigo, em média, R\$ 65,88 em abril, com valorização no último mês. O valor é 6% superior ao de março (R\$ 61,92), porém 18% inferior ao recebido por 60 kg do produto em abril de 2025 (R\$ 79,99). Esse pequeno aumento recente foi insuficiente para reverter o desânimo com a cultura, que teve sua área revisada em nosso levantamento de safras. Em março, o recuo de área esperado era de 6% frente ao ano anterior, porém, em abril, esse recuo foi reavaliado para 10%, devendo cobrir 746 mil ha ante os 826 mil colhidos em 2025.

O plantio de trigo está efetuado em 17% da área projetada para este ano, e os trabalhos seguem em um ritmo mais lento que o efetuado no ano anterior. Nesta mesma semana 19, em 2025, o percentual plantado era de 26%. A menor área a ser semeada com o cereal, no entanto, deve facilitar que os trabalhos se regularizem a partir de agora, visto que as chuvas registradas nos últimos dias são suficientes para recompor a umidade em todo o estado. Os trabalhos já se intensificaram bastante nesta última semana e devem ser normalizados tão logo o solo esteja com a friabilidade ideal para a entrada das

máquinas. A capacidade de plantio nas propriedades excede em muito a necessidade, bastando que o clima esteja adequado ao longo dos períodos ideais de plantio, conforme preconizado pelo Zoneamento Agrícola de cada região. Caso o plantio continue evoluindo bem e o tempo se mantenha favorável, há possibilidade de colheita de 2,4 milhões de toneladas a partir de setembro.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Nos últimos dias de abril e no início de maio, ocorreram chuvas generalizadas pelo estado, o que deve propiciar a recuperação e a estabilização das lavouras da segunda safra de milho 2025/26, que vinham sofrendo com a estiagem. Nesta semana, o relatório de plantio e colheita do Deral já sinalizou a estabilidade das condições de campo. Foi levantado que 84% das lavouras plantadas estão em condição boa, 12% apresentam condição mediana e 4% apresentam situação ruim.

Em relação ao desenvolvimento das plantas, observou-se que 24% estão em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração, 44% em frutificação e 2% na fase final, de maturação. A maior parte das lavouras está em sua fase crítica de

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

desenvolvimento, e as chuvas ocorridas foram muito bem-vindas para o produtor.

Já o cenário de mercado permanece estável para o milho. O preço médio recebido pelo produtor pela saca de 60kg fechou abril cotado a R\$ 53,50, apresentando uma leve alta de 0,6% quando comparado ao mês de março. Entretanto, quando comparado ao mesmo período do ano passado, apresentou uma queda de 13,5%.

TANGERINA

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

A FAO, o Organismo das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, aponta que a produção mundial de tangerinas, em uma área de 3,9 milhões de hectares (ha) e distribuída em 71 países, foi de 51,9 milhões de toneladas (T.) em 2024.

A China é a líder nesta atividade, contribuindo com 52,3% das colheitas mundiais e cultivando 62,9% da área da espécie. A FAO estabelece o Brasil como o 7º produtor mundial, respondendo por 1,4% das quantidades obtidas.

Em 2024, o Brasil colheu 1,0 milhão de T. em 55,3 mil ha (IBGE). O estado de São Paulo, principal fornecedor da fruta para o país, contribuiu com 30,9% do volume das

tangerinas provenientes de seus pomares. Os cultivos comerciais estão distribuídos nas 23 unidades da federação.

O Paraná figura no quarto lugar num ranqueamento da produção de tangerinas do Brasil. Cerro Azul, no Vale do Ribeira, que historicamente era o principal ofertante nacional da fruta, foi ultrapassado na estação analisada por Campanha, nas Minas Gerais, que com 59,8 mil T. colhidas em 2,6 mil ha gerou R\$ 148,0 milhões de Valor Bruto da Produção (VBP). O município mineiro respondeu por 5,9% da produção e 6,8% do VBP nacional.

Assim, o Cerro tendo extraído 55,0 mil T. em 4,6 mil ha, seria o segundo em quantidades extraídas dos pomares, no entanto, considerando um VBP de R\$ 90,8 milhões, figura na quarta posição, participando com 5,4% dos volumes e 4,2% do VBP. O contíguo município de Doutor Ulisses é o quinto produtor brasileiro e participa com 3,0% da renda bruta da tangerina. O cítrico é explorado em outros 1.357 municípios do país.

Este Deral contabilizou uma área de 7,1 mil ha e colheita de 115,4 mil toneladas de tangerinas em 2024, indicando um incremento de 22,1% nos volumes colhidos e de 7,8% no VBP real em relação a 2023, tendo a área se mantido.

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

Os preços recebidos pelos agricultores, que em início de safra atingem altos preços, arrefecem na evolução das colheitas. A média de abril último se estabeleceu em R\$ 48,83/cx 22kg (R\$ 2,22/kg). Uma cotação de R\$ 1,67/kg foi a média nominal em 2025.

No entreposto de Curitiba, no início desta semana de maio, a caixa de 20kg foi comercializada entre R\$ 35,00 (R\$ 1,75/kg) e R\$ 40,00 (R\$ 2,00/kg), para a Tangerina Ponkan média e grande. No mesmo período no ano passado praticou-se cotações idênticas.

Nas gôndolas do varejo, o quilograma da Tangerina iniciou este ano em janeiro precificada em R\$ 10,33, em fevereiro R\$ 10,14, decrescendo a R\$ 8,58 em março e abril a R\$ 8,35. A cotação média nominal em 2025 foi de R\$ 7,86/kg.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago, De Marchi da Silva

Após ultrapassar a marca de R\$ 367,00 na metade do mês passado, a arroba bovina vem sendo negociada em patamares mais modestos nos últimos dias, sendo cotada atualmente a R\$ 353,80 na B3. Escalas de abate mais confortáveis, maior disponibilidade de animais neste período e uma demanda abaixo do esperado no início

do mês estão entre os principais fatores que ajudam a explicar esse movimento.

Diferentemente do que ocorre na bovinocultura leiteira, o setor de corte tende a registrar preços mais baixos nesta época do ano. Enquanto a restrição na oferta de pastagens, característica do período, eleva os custos de produção e obriga o produtor de leite a intensificar a suplementação alimentar das vacas, o pecuarista de corte frequentemente precisa reduzir a lotação da propriedade para evitar perda de peso dos animais ou um aumento expressivo dos custos com ração.

PERUS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Exportação em 2026: 16.785 toneladas e US\$ 67,294 milhões

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, no primeiro trimestre de 2026, a exportação nacional de carne de peru atingiu 16.785 toneladas, resultando num ingresso de divisas da ordem de US\$ 67,294 milhões.

Assim, registra-se uma alta de 23,1% (volume) e 124,6% (receita cambial) sobre o ano anterior (volume: 13.632 toneladas e receita cambial: US\$ 29,967 milhões).

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

No acumulado de três meses de 2026, os principais estados exportadores e produtores foram: 1º – Santa Catarina (US\$ 29,690 milhões e 6.770 toneladas), 2º – Rio Grande do Sul (US\$ 19,121 milhões e 6.122 toneladas) e 3º – Paraná (US\$ 18,432 milhões e 3.879 toneladas).

Em relação ao ano anterior, considerando o período em análise, os três estados da federação tiveram crescimento na exportação de carne de peru (toneladas): Paraná (+ 34,1%), Santa Catarina (+ 15,7%) e Rio Grande do Sul (+ 4,7%). No ano anterior, o Paraná apresentou os seguintes números: faturamento de US\$ 6,163 milhões e volume de 2.893 toneladas.

Já em termos de receita cambial, a performance foi a seguinte: Paraná (+ 199,1%), Rio Grande do Sul (+ 43%) e Santa Catarina (+ 189,4%).

Da quantidade total exportada em 2026 (16.531 toneladas e US\$ 67,294 milhões), 99,3% corresponderam a produtos in natura (16.665 toneladas e US\$ 66,575 milhões).

O preço médio alcançado pela carne de peru in natura foi de US\$ 3.994,94/t, 88,8% maior que o valor médio de US\$ 2.115,89/t, obtido em igual período do ano anterior.

Assim, a exportação total de produtos in natura resultou 33,3% maior de janeiro a março de 2026 frente a igual período de 2025, enquanto que a receita cambial cresceu 151,4% (2026: US\$ 66,576 milhões e 16.665 toneladas e 2025: US\$ 26,457 milhões e 12.504 toneladas).

Considerando-se os principais destinos das 16.531 toneladas exportadas no primeiro trimestre de 2026, os destaques foram (volume: toneladas e receita cambial): 1º – México (5.854 e US\$ 27,831 milhões), 2º – Chile (2.273 e US\$ 15,231 milhões), 3º – África do Sul (2.133 e US\$ 3,750 milhões), 4º – Peru (912 e US\$ 2,652 milhões), 5º – Guiné Equatorial (741 e US\$ 1,493 milhões).

AVICULTURA DE CORTE

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

O setor de avicultura de corte no Paraná apresentou sinais de recuperação em abril de 2026, embora o cenário ainda exija cautela e gestão estratégica por parte do produtor.

Segundo dados da SEAB/DERAL, o preço nominal médio do frango vivo nas granjas paranaenses alcançou R\$ 4,62/kg, representando uma reação de 0,7% em

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

comparação aos R\$ 4,59/kg registrados em março.

Apesar dessa leve valorização mensal, a análise anual revela um quadro de pressão, visto que o preço atual é 8,9% inferior aos R\$ 5,07/kg praticados em abril de 2025. Essa retração anual é explicada por uma oferta robusta no mercado interno, fruto de um ciclo produtivo eficiente que elevou o volume disponível nas gôndolas.

No entanto, o otimismo com a leve alta nos preços é ponderado pelo agravamento das tensões geopolíticas entre EUA e Irã. Este conflito impacta diretamente os dois pilares da rentabilidade avícola: o custo de produção e a logística.

No campo dos insumos, o milho no atacado paranaense foi cotado a R\$ 63,58 por saca, uma alta de 1% no mês. Embora o grão esteja 13,9% mais barato que em 2025, o conflito no Oriente Médio ameaça a oferta global de fertilizantes nitrogenados e ureia — dos quais o Irã é grande exportador —, o que pode encarecer drasticamente o plantio das próximas safras e elevar o custo da ração no médio prazo.

Já o farelo de soja subiu 1,3% em abril (R\$ 1.885,50/tonelada), mantendo uma relação de troca desafiadora que exige 408 kg de frango por tonelada do insumo, um

aumento de 7% no esforço de compra do produtor em relação ao ano passado.

Além dos insumos, a crise internacional atinge a logística de exportação. O aumento no preço do barril de petróleo pressiona o valor do diesel nas bombas, elevando o custo do transporte da granja ao frigorífico e até o porto. Simultaneamente, a instabilidade em rotas estratégicas para o mercado Halal, como o Mar Vermelho, gera taxas de risco e fretes marítimos mais caros, reduzindo a competitividade do frango brasileiro no exterior.

Esse cenário de incerteza global também impulsiona a volatilidade do dólar, encarecendo itens importados essenciais para o setor, como vacinas e premixes vitamínicos.

Ao observar a transmissão de preços na cadeia, percebe-se que o atacado reagiu com maior intensidade do que a produção primária, com o frango resfriado saltando 5,2% (R\$ 8,12/kg). No varejo, o consumidor encontrou contrastes: enquanto cortes como o peito (+14,3%) e a coxa com sobrecoxa (+11,5%) subiram em abril, o frango inteiro resfriado registrou queda pontual de 14,5%.

Em suma, a carne de frango consolida sua liderança na mesa dos

Boletim Conjuntural Semana 19/2026 – 07 de maio de 2026

brasileiros pela competitividade, mas o setor entra em maio sob vigilância: o desafio será equilibrar a leve recuperação dos preços internos frente a uma possível escalada de custos globais derivada da instabilidade no Oriente Médio.